

A narrativa do conto “O menino que escrevia versos” sob a perspectiva de Josef Pieper

Joice Aparecida de Souza Pinto¹

Resumo: O presente artigo realiza uma reflexão entre o “mundo do trabalho” e o filosofar, considerado como afim ao ato poético, na perspectiva de Josef Pieper, a partir do enredo do conto “O menino que escrevia versos”, de Mia Couto.

Palavras Chave: Mundo do trabalho. Filosofar. Poesia. Narrativa.

Abstract: This article presents a reflection between “the world of work” and the philosophical act and the poetical act (Josef Pieper), from the tale “O menino que escrevia versos”, by Mia Couto.

Keywords: world of work. philosophy. poetry. narrative.

“A razão pelo qual o filósofo compara-se ao poeta é esta: ambos têm a ver com a admiração.”
Tomás de Aquino.²

Introdução

Sabemos que, a partir da perspectiva pieperiana, não é possível afirmar algo sobre a filosofia e sobre o filosofar que não remeta para a essência do homem. Realizaremos esta breve reflexão sobre o “mundo do trabalho” e o filosofar, mediante a narrativa ficcional do conto *O menino que escrevia versos*, autoria de Mia Couto.

Segundo Pieper (2014), o mundo do trabalho habita o cotidiano voltado para a realização da “utilidade comum”, conceito que não deve ser confundido com o de *bonum commune*, pois este, além do mais, comporta as atividades da vida “inútil”, da contemplação, que compreendem o filosofar e o ato poético, que rompem verticalmente com a “utilidade comum”, com o “mundo do trabalho”.

A partir da narrativa, observamos que “diante do olhar dirigido às coisas encontradas na experiência cotidiana se apresenta o não-cotidiano” (PIEPER, 2014, p.41). É justamente nesse momento que uma importante experiência interior coloca-se como princípio do filosofar: a admiração, conforme Lauand (1997, p. 9):

Esta afirmação da admiração como princípio do filosofar/poetar-*admiratio est principium philosophant*, dirá Tomás – é, ao mesmo tempo, uma afirmação de compromisso com a realidade mais simples e cotidiana. O aburguesamento do espírito ocorre quando o homem já não é capaz de se admirar ou precisa do sensacionalismo, do estapafúrdio para provocar em si mesmo um *Ersatz* da admiração, da verdadeira admiração: “Perceber no comum e no diário aquilo que é incomum e não-diário, o *mirandum*, eis o princípio de filosofar.

¹ Mestra em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professora efetiva da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e do Ensino Superior. Coordenadora do Ensino Fundamental I e II (Anos Iniciais e Anos Finais) pela SEE- SP.

² AQUINO, Tomás de in.: PIEPER, Josef. **O que é filosofar**. São Paulo, Loyola, 2014.

Neste contexto, o enredo proporciona-nos a reflexão sobre a essência do homem entre o “ser” e o “ter”; o mundo do trabalho, representado pelo pai e a filosofia que transcende esse mundo, pelo menino. Seguidamente, o fato de o protagonista oportunizar ao médico o encantamento e a admiração.

Ao mesmo tempo, a realidade do homem comum e a linguagem cotidiana estão intrinsecamente imbricadas à sensibilidade poética, até mesmo como válvula de escape às fragilidades humanas; afirma Lauand (1987, p. 24) que “a estrutura do filosofar é a mesma da existência humana”, assim como a importância do diálogo, da admiração e da linguagem comum.

A filosofia e o mundo do trabalho.

Partimos das considerações de Josef Pieper sobre o cotidiano, o *bonum commune* e a “utilidade comum”, pois o mundo do trabalho está imerso no cotidiano: no exercício das funções, na busca da renda, da subsistência humana e da satisfação das necessidades materiais.

Por outro lado, o filosofar também incide sobre esse mesmo cotidiano, transcende o mundo do trabalho, o que não implica no desprezo, pois sem esse o homem não poderia filosofar, conforme Pieper (apud LAUAND, 2011, p. 8):

Longe de nós subestimar do alto de algum pretensível pedestal de ócio filosófico este mundo do trabalho diário. Não é necessário insistir no fato óbvio de que este mundo do trabalho pertence à própria essência do mundo do homem; é nele que se cria a base de sua existência física, sem a qual o homem nem poderia filosofar.

Atualmente, considerando-se as sociedades modernas, o mundo do trabalho torna-se mais relevante de maneira geral. Conforme afirma Pieper (2014, p. 9) “A reivindicação do mundo do trabalho torna-se cada vez mais total, abarcando progressivamente toda a existência humana”.

Destarte, entendemos que a concepção sociológica preenche “o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público” (HALL, 2006, p. 11), ocorrendo, algumas vezes, concepções muito diferentes de identidade que pode levar ao isolamento e à tristeza profunda. Assim, Hall nos propõe três concepções de identidade: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo está centrado na concepção da pessoa humana, como indivíduo unificado, dotado da capacidade da razão. O sujeito sociológico reflete a complexidade do mundo moderno, induzindo que o sujeito não é autônomo e autossuficiente, mas constituído das relações com outras pessoas, na interação do “eu” com a sociedade. Já o sujeito pós-moderno apresenta-se sem uma identidade fixa ou permanente, pois essa é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987 apud HALL, 2014, p. 13).

Na complexidade da modernidade, Lauand (1987, p. 24) corrobora afirmando que:

Sobretudo numa época de desorientação como a nossa, nada nos parece mais atual que ouvir a palavra dos antigos - Platão, Aristóteles e S. Tomás - na correta interpretação de Pieper, totalmente voltada para a “verdade das coisas” e procurando mostrá-la claramente ao homem de hoje”.

É na singularidade desse cenário e dentro de uma oficina mecânica que é, também, o lar de uma família, que se manifesta a sensibilidade poética do menino e se principia a narrativa do conto em questão, sobre a qual abordaremos algumas reflexões, sabendo-se que direcionaremos especificamente por meio do viés da análise apresentada, não descartando inúmeras outras possibilidades.

O menino que escrevia versos: O mundo do trabalho e a filosofia.

O enredo nos apresenta uma narrativa linear, que aborda a preocupação da família ao descobrir que o jovem filho escrevia versos; fato que incomoda o pai, que obriga a mãe levá-lo ao médico.

Trata-se de uma família convencional, estruturada na modernidade, em uma sociedade capitalista. Pois, para o pai que era “mecânico de nascença e preguiçoso por destino, nunca espreitara uma página” (COUTO, 2009, p.131), a atitude cotidiana do filho de sonhar e escrever versos fugia da normalidade e da realidade de sua vida na oficina mecânica, que tinha por prática somente o trabalho da serventia e do rendimento, o trabalho da utilidade, “Tudo corria sem mais, a oficina dava para o pão e para a escola do miúdo” (COUTO, 2009, P. 131).

Ao mesmo tempo, o fazer literário para o menino apresenta-se em outra perspectiva, pois é a forma de transcender a realidade e imaginar outra possibilidade de existência, por meio do sonho e das palavras, as quais evidenciam as agruras enunciadas pelo menino, que ao ser questionado pelo médico, responde: “ - Dói-me a vida, doutor. [...] – E o que fazes quando te assaltam essas dores? – O que melhor sei fazer por excelência. – E o que é? – É sonhar.” (COUTO, 2009, p. 132).

Na narrativa há quatro personagens: O pai, a mãe (D. Severina) que cuidava dos afazeres da casa, o menino que escrevia versos e o médico, que passa por um processo de transformação, que segundo Fiorin (2011, p. 28) é elementar e ocorre no percurso gerativo de sentido no nível da narrativa, o qual se denomina “enunciados de fazer”, pois “são os que mostram as transformações, os que correspondem à passagem de um estado de enunciado a outro” como veremos a seguir.

As personagens dão vida aos acontecimentos, retratando a realidade por meio da ficção e da arte literária, pois esse:

“é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de modo exemplar (exemplar também no sentido negativo). [...] Muitas vezes debatam-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana [...] esses aspectos profundos, muitas vezes de ordem metafísica, incomunicáveis em toda a sua plenitude através do conceito, revelam-se, como num momento de iluminação, na plena concreção do ser humano individual”. (CANDIDO et al., 2011, p.45).

A linguagem é simples e apresenta-se, também, figurada, utilizando-se de metáforas, como: “com o esforço de alpinista em topo de montanha” ou “lia motores e interpretava chaparias” (COUTO, 2009, p. 131). Afirma Moisés (1987, p. 84) que “a linguagem da prosa não é pura denotação, pois nesse caso perderia sua feição artística, mas dela se aproxima na medida em que o prosador assume, geralmente, atitudes diretas em face da Natureza e dos homens, à procura de ser tão explícito quanto possível”.

Em consonância, a linguagem simples é condizente à realidade do contexto apresentado na narrativa. Nesse aspecto, é importante ressaltar os estudos de Lauand (1989, p.7) quando se refere à linguagem cotidiana e ao filosofar, com relação à expressividade:

“as palavras têm um potencial expressivo muito maior do que podemos imaginar; tão familiar e quase automático é o uso que delas fazemos”, ao mesmo tempo em que procuram “recuperar as grandes experiências humanas que acabaram por nela desembocar. Pois as grandes experiências, são vívidas intuições que o homem tem sobre si e sobre o mundo”.

Paralelamente, o pai retrata o filho como se fosse algo mecânico, há um processo de coisificação e desumanização, no qual se instaura a redução das pessoas à condição de objetos, transformando conceitos abstratos em realidade concreta, evidenciado no fragmento em que o pai reporta-se ao médico sobre o estado do filho: “– O médico que faça revisão geral, por parte mecânica, por parte elétrica. Queria tudo. Que se afinasse o sangue, calibrasse os pulmões e, sobretudo, lhe espreitassem o nível de óleo na figadeira.” (COUTO, 2009, p.131).

Contrariamente, o menino já tomado pela dor da existência busca na literatura o alívio para a sua aflição. Candido afirma que “[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza” (CANDIDO, 1989, p. 122).

Sobre a relevância da literatura (PINTO, 2016, p. 58) enuncia que

a literatura é um fenômeno da linguagem e está vinculada ao contexto social, histórico e cultural de um povo, intrinsecamente ligada às tradições seculares [...] estabelece relações de aprendizagem e vivência entre sua essência e os indivíduos, construindo através da palavra a consciência do eu, do outro e do mundo [...]

Por conseguinte, o menino com a sensibilidade a florada e desejos diferentes daqueles concebidos pelos pais e, aparentemente, pelo médico, que embora represente outra classe social está, a princípio, envolvido unicamente com o mundo do trabalho e da utilidade passa pelo processo de transformação a partir do encontro, que para López Quintás³ é

um enriquecimento mútuo: você é um âmbito de vida, repleto de possibilidades, projetos etc...Você os oferece a mim e eu os ofereço a você; você tem vontade de compreender-me e eu tenho vontade de compreender você; eu tenho vontade de ir com você, você, comigo; e criamos um campo de jogo comum, criamos um campo de liberdade comum...e isso é o encontro. (1999).

³ QUINTÁS, Alfonso López. A formação adequada à configuração de um novo humanismo. Conferência para Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em 26/11/1999. Disponível em: <http://alfredo-braga.pro.br/discussoes/humanismo.html> – acesso em 01/09/2017.

A partir deste encontro, a situação o coloca contra a ordem comum dos fatos, visto que se rende aos versos e apropria-se da sensibilidade do menino por manhãs e tardes, deixando, inclusive, seu ofício em segundo plano, conforme explicitado na narrativa: “Hoje quem visita o consultório raramente encontra o médico. Manhãs e tardes ele se senta num recanto do quarto onde está internado o menino” (COUTO, 2009, p. 134).

Entendemos que essa interação se torna essencial à natureza humana e está relacionada à linguagem viva eminentemente entrelaçada à realidade, “língua viva-vivência de atitudes. Uma palavra só se manterá viva na linguagem se também a realidade a que se refere tiver força vital, e reciprocamente” (LAUAND, 1989, P.11), assim, o tratamento médico em lugar de impedir que o menino continue escrevendo versos, estimula-o a prosseguir com sua atividade poética. Momento em que, mais uma vez, refere-se à questão do mundo do mundo do trabalho em detrimento ao mundo da filosofia.

Nesse sentido, Pieper adverte-nos sobre a especificidade do mundo do trabalho (2014, p. 8):

O mundo do trabalho é o mundo cotidiano do trabalho, o mundo da utilização, da serventia a fins, do rendimento, do exercício das funções; trata-se do mundo da necessidade e da renda, o mundo da fome e do modo de saciá-la. O mundo do trabalho é denominado pelo objetivo de realização da “utilidade comum”. É mundo do trabalho na medida em que trabalho tem o mesmo significado de atividade útil (sendo então simultaneamente próprio desta o caráter de atividade e esforço).

Por outro lado, Pieper (IBIDEM) nos revela que:

A “utilidade comum” é uma parte essencial do *bonum commune*, mas este é muito mais geral. Ao *bonum commune* pertence, por exemplo (como diz Tomás de Aquino⁴), o fato de existir pessoas que se entregam à vida inútil da contemplação; que, justamente, *não* se pode dizer que meditação, contemplação, filosofia sirvam à “utilidade comum”.

São situações que se confrontam e se materializam a partir da narrativa, uma vez que há um elemento imerso no mundo do trabalho (o pai), em oposição ao elemento da sensibilidade e da contemplação representado pelo filho. O mundo do questionamento torna-se problemático na concepção do pai, pois “cada vez mais o caráter do estranho, do mero luxo intelectual, até do autenticamente insustentável e do que não deve ser levado a sério” (Ibidem, p.9), e Lauand complementa (1997, p.7) que “a poesia já não nos é tão acessível, porque a própria realidade tornou-se, para nós problemática...”

Cabe-nos insistir em que o mundo do menino transcende o mundo utilitário, das necessidades comuns, transcende o mundo do trabalho. Para Pieper (Ibidem, p. 11) “O ato filosófico não é a única maneira de realizar esse passo além. A voz da poesia não é menos incomensurável com o mundo do trabalho do que a questão do filósofo”.

⁴ Comentário ao Livro sentenças de Pedro Lombardo 4 d. 26, 1,2. Apud (PIEPER, 2014, p. 8).

Há forte relação entre a poesia e o filosofar, como percebemos nos sentimentos e nos desejos do menino que escrevia versos, pois é no cotidiano que o médico se encanta e se admira com a sensibilidade e os versos da menina, passando pela transformação: concebendo-se o *mirandum*,

No que tange o co-pertencimento entre filosofia e poesia, há uma frase notável e pouco conhecida de Tomás de Aquino, no seu comentário à *Metafísica* de Aristóteles, que diz: o filósofo tem afinidades com o poeta na medida em que ambos têm a ver com o *mirandum*, com o admirável, com o que é digno de admiração, que reclama admiração. [...] devido à força comum da transcendência, o ato filosófico é aparentado e próximo do poético, mais próximo e estreitamente aparentado do que com as ciências exatas. (PIEPER, 2014, p. 12-13)

Sendo assim, percebemos a relevância da integração material/imaterial, corpo/alma; sabendo-se que o homem constitui-se e completa-se a partir da relação entre trabalho e contemplação.

Partindo do exposto, tem-se a concepção de Tomás de Aquino para essa integração entre espírito e matéria “*anima forma corporis*” muito bem evidenciada entre as situações que contextualizam a narrativa. Lauand (1997, p. 71) acrescenta:

O caso do conhecimento intelectual é mais complexo: o intelecto é reconhecido, por Tomás, como capaz de abertura, sem limites, para o real: “As naturezas intelectuais, porém, têm maior afinidade com o todo do que as outras naturezas; pois, uma substância intelectual qualquer é, de certo modo, todas as coisas, já que pode apreender a totalidade do real pelo seu intelecto; ao passo que qualquer outra substância participa apenas de um setor particular do ser.

Enquanto aflora no menino a subjetividade, a poesia e o trabalho intelectual com as palavras, o pai se instaura em outro patamar, no qual o mundo do trabalho tem relevância máxima, enquanto que as palavras, os versos e a poesia pertencem ao campo da mera inutilidade.

Nesse ponto, temos a relação de semelhança entre o “ato de filosofar” e o “ato poético”, pois ambos têm seu princípio no *mirandum*, naquilo que causa admiração, pois na base de ambos os atos encontra-se a sensibilidade que caracteriza a personalidade do menino.

Ao mesmo tempo, há a representação do médico que passa por um *insight* por meio de acontecimento banal do cotidiano que está relacionado às experiências vividas, seguindo a análise na linha pieperiana, conforme adverte Lauand (2004, p. 5):

[...] sempre a análise pieperiana se alimenta da manifestação, do fenômeno: *insight* e a sabedoria se encontram justamente no esforço de trazer à consideração tudo aquilo que realmente é significativo em relação a esta ou aquela experiência. E é por apoiar-se na experiência, que o pensamento de Josef Pieper tem a viveza e o colorido do concreto, do vivido [...].

Embora o médico represente o mundo do trabalho, a partir de um *insight* percebe a riqueza que contém os escritos do menino; entrega-se ao mundo da poesia, ao mundo do encantamento e da contemplação, sabendo que o homem não se completa somente com riquezas materiais.

Assim, poderíamos sugerir que o próprio médico sucumbiu a um abalo que o retirou da sua zona de conforto, mediante a reflexão da realidade e da questão existencial “que sempre é um abalo das relações com o mundo, chega à fronteira da existência (*Dasein*) [...] o homem experimenta a não-conclusividade desse mundo cotidiano: transcende-o, dá um passo além dele.”

Enfim, todas as possibilidades e desejos do pai com relação ao filho são realizações enganosas, pois o menino ultrapassa a linha que delimita o mundo do trabalho e as obrigações com o mundo considerado das “utilidades”, pois ele não está encarcerado nesse mundo, deseja ser livre para a poesia e para os questionamentos existenciais que o alimenta e continue escrevendo; o médico, por sua vez, aproveita-se da sensibilidade do menino e cede ao seu mundo exclusivamente do trabalho e passa a ouvi-lo por horas e horas a fio, evidenciando o processo de transformação entre a realização da “utilidade comum” e o conceito do *bonum commune*.

Considerações finais

A integração mundo do trabalho e filosofar, assim como a relação corpo e alma estão presentes em todo percurso da história da humanidade, muitas vezes por meio de outras formas de abordagens. Entretanto, no conto em referência é evidente a relação que se instaura entre esses dois campos, mas que se complementam, bem com o trabalho da utilidade e a questão filosófica.

Com os fatos apresentados e a narratividade, temos a evidência entre as concepções do pai e os anseios do filho, que, embora tenha sido criado dentro de uma oficina mecânica, utiliza o fazer literário como essência primordial para sua vida, pois para ele, o ato de escrever, transcende a aparente normalidade cotidiana e passa a ser uma forma de vida que ultrapassa a simples escrita, a partir dos momentos em que lhe é possível sonhar e, assim, aliviar a sua dor pelas vicissitudes da vida.

Para tanto, “o caderno do menino” assume uma dimensão peculiar, sendo metaforizado, na seguinte frase: “Tenho este pedaço de vida” (COUTO, 2009, P.133), ou seja, o caderno representa sua existência, sua sensibilidade, pois “Ante a perplexidade, a desorientação, a esquisitice de nosso tempo, impõe-se a urgente tarefa da redescoberta do simples, do humano, da verdade das coisas...” (LAUAND, 1997, p. 8).

Sim, podemos afirmar que o ato poético assemelha-se ao filosófico, pois ambos têm o princípio na admiração, na realidade simples do cotidiano que nos transporta aos pensamentos mais simples e singelos, se estabelecendo o *mirandum* – o princípio do filosofar, primordial para a existência humana.

Referências

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de ficção**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos E... Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.*
Site: <http://homoliteratus.com/antonio-candido-o-direito-humano-literatura/>

COUTO, Mia. **O menino que escrevia versos.** In: O fio das Missangas”. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.131.

FIORIN, José Luiz. **Elementos da análise do discurso.** 15.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAUAND, Jean. **O que é uma Universidade?** São Paulo: Perspectiva, 1987;

_____. **Linguagem e Ética.** Ensaios. Curitiba, EDUCA – Editora Universitária Champagnat, 1989

_____. **Interface.** Estudos e Traduções. São Paulo: Mandruva, 1997.

_____. **Método e Linguagem no Pensamento de Josef Pieper.** (notas de conferência proferida no congresso internacional: “Josef Pieper e o pensamento contemporâneo”, Buenos Aires, agosto de 2004). Disponível em: <http://hottopos.com/videtur29/ljargport.htm> – acesso em 3/09/2017.

_____. **Filosofia e Educação: Universidade.** São Paulo: CEMOrOc – FaEDF-FEUSP. FACTASH Editora. 2011. Disponível em: <http://www.jeanlauand.com/PieperUniv.pdf> – acesso em 3/09/2017.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária.** 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1987 8ed

PIEPER, Josef. **O que é filosofar.** 2. ed. São Paulo, Loyola, 2014.

PINTO, Joice Aparecida de Souza Pinto. **Narrativas e “Pedagogia da Admiração”: Desafios com novas tecnologias.** São Paulo: UMESP, 2016. Disponível: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1611/2/JoiceAp.S.Pinto.pdf> – acesso em 3/09/2017.

Recebido para publicação em 19-09-17; aceito em 09-10-17